

# APRENDER COM O IMIGRANTE: A PRODUÇÃO MULTI/INTERCULTURAL DA DIVERSIDADE EM PORTUGAL.

*Marcelo Alario Ennes<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem como objeto central de análise três publicações produzidas e divulgadas no âmbito do II Plano de Integração de Imigrantes cujo objetivo mais abrangente é promover o convívio e o diálogo com a diversidade cultural, religiosa e linguística. Objetivo principal do artigo é confrontar as publicações com as ideias que têm norteado o debate sobre a diversidade em suas versões multi/interculturais e, assim, contribuir para o aprofundamento de estudos sobre políticas de integração de imigrantes e gestão da diversidade. O artigo foi desenvolvido com base em revisão de literatura e fundamentação teórica, dados secundários publicados pela ONU e observação de campo nas cidades de Lisboa, desenvolvida durante a realização de meu estágio de pós-doutoral. A análise empreendida com base na discussão sobre multi/interculturalidade me permite dizer que as publicações não apresentam modelos prontos de integração e gestão da diversidade e, ao mesmo tempo, leva ao leitor a uma situação e, também, a um imigrante ideal com os quais o/a português/a pode aprender.

**Palavras-chave:** imigração, interculturalidade, educação.

**Abstract:** This article has as main object of analysis three publications produced and disseminated under the Plan II Integration of Immigrants from Portugal whose overarching goal is to promote interaction and dialogue with the cultural and linguistic diversity and religious. Main aim of the paper is to confront the publications with the ideas that have guided the debate about diversity in their multi/intercultural versions and therefore contribute to the deepening of policies for immigrant integration and diversity management. The product was developed based on literature review and theoretical foundation, secondary data published by the UN and field observation in Lisbon developed during the course of my post-doctoral. The analysis undertaken based on the discussion of multi intercultural allows me to say that publications do not present ready models of integration and diversity management and, at the same, takes the reader to a situation, and also an ideal immigrant with whom the / a Portuguese / she can learn.

**Keys-word:** inmigration, interculturalism, education.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela UNESP/Araraquara. Docente da Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Educação – Campus Prof. Alberto Carvalho, Itabaiana/SE. Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFS. Líder do Grupo de Pesquisa Processos Identitários e Poder – GEPPIP. Pesquisador colaborador do Centro de Estudos sobre Migrações e Relações Interculturais – CEMRI/UAb/Portugal. prof.marcelo.ennes@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é parte dos resultados obtidos em um projeto de pós-doutorado sobre imigração, interculturalidade e modificações corporais em Lisboa e Madri. O projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq por meio do Programa Ciências Sem Fronteira entre os meses de setembro de 2013 e dezembro de 2014.

O presente artigo tem como objeto central de análise três publicações produzidas e divulgadas no âmbito do II Plano de Integração de Imigrantes cujo objetivo mais abrangente é promover o convívio e o diálogo com a diversidade cultural, religiosa e linguística. Essas publicações foram analisadas a partir da discussão sobre diversidade e de como o estado português tem efetivado sua política de integração dos imigrantes.

Objetivo principal do artigo é confrontar as publicações com as ideias que têm norteado o debate sobre diversidade em suas versões multi/interculturais e, assim, contribuir para o aprofundamento de estudos sobre políticas de integração de imigrantes e gestão da diversidade. Portugal, historicamente conhecido como um país de emigrantes, passou a receber contingentes significativos de imigrantes entre últimos anos do século XX e os primeiros do século XXI. O país tem se destacado por ter colocado em prática algumas das experiências mais exitosas da União Europeia. O artigo foi desenvolvido com base em revisão de literatura e fundamentação teórica, dados secundários publicados pela ONU e observação de campo nas cidades de Lisboa, desenvolvida durante a realização de meu estágio de pós-doutoral. As publicações não apresentam fórmulas e nem tentam definir conceitualmente o que é a diversidade ou o diálogo intercultural. Por outro lado, procuram demonstrar por meio das narrativas dos entrevistados e dos comentários dos organizadores uma situação e, também, um imigrante ideal na qual os/as portugueses/as podem aprender com os imigrantes.

O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira apresento alguns dos aspectos do cenário da imigração em Portugal e, por meio de dados quantitativos, procurei situar o país em contexto mais amplo dos fluxos migratórios contemporâneos. Na segunda, tratei de como a ideia de diferença foi abordada ao longo do século XX e início do século XXI. No começo desse período a diferença era vista de modo negativo e produzia hierarquização e subordinação social e cultural. Já no final do século XX, a diferença passa a ser vista como direito e é entendida como diversidade. Sob o multiculturalismo a diversidade é apropriada pelo consumo e sofre o esvaziamento político, processo contra o qual o interculturalismo procura agir de modo a retomar as relações entre poder e cultura. Ainda nessa parte, procuro problematizar alguns significados do interculturalismo, em especial o que se expressa sob a forma de soma cultural de um lado, e de outro, da subtração. Há ainda uma terceira via, a da hibridação. Seja como

for, a diversidade, sob o multiculturalismo ou interculturalismo em contextos de forte fluxo migratório, como o da União Europeia, passou a ser um tema da gestão pública, questão tratada na terceira parte do artigo. Na sequência, apresento, discuto e analiso as três publicações elaboradas no âmbito de programas e projetos de incentivo ao convívio com a diversidade, com o objetivo de situá-los no debate mais histórico e conceitual apresentado nas partes anteriores do artigo.

### 1. IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL

O mundo globalizado é um mundo de fluxos. Há o fluxo financeiro, o fluxo de informações e o fluxo de pessoas. Esses fluxos têm desestabilizado e enfraquecido os Estados Nacionais e sua soberania para definir políticas econômicas, o controle de fluxos financeiros, a vida cultural do país e a entrada e a saída de pessoas. A diminuição da capacidade dos Estados Nacionais em legislar e agir sobre cada uma dessas dimensões está, por sua vez, intimamente ligada às chamadas oportunidades e ameaças que representam tanto à lógica de reprodução do capital, quanto às estruturas mentais e simbólicas que definem os marcadores e as fronteiras identitárias na sociedade contemporânea. Como poderemos ver adiante, nesse contexto, o fluxo de pessoas tem sido bastante ambivalente e contraditório já que tem produzido desencontros significativos entre o econômico, o simbólico e o identitário.

Em termos quantitativos, em junho de 2013, os fluxos migratórios movimentaram 231.522.215 pessoas (ONU, 2013), o que representa cerca de 3,21% da população (idem) mundial. Percentualmente pode parecer pouco, mas o contingente humano em movimento pelo mundo na atualidade seria correspondente ao 5º país mais populoso do mundo, lugar hoje ocupado pelo Brasil. A Europa é o continente que tem recebido o maior número de imigrantes nas últimas décadas (ONU, 2013) ainda que relativamente fique atrás da Oceania e América do Norte. A forte presença de imigrantes tem levado a Europa a elaborar e implementar políticas de integração e gestão da diversidade (SAMPEDRO, LLERA, 2003) como teremos oportunidade de discutir mais à frente.

**Tabela 01** – Imigrações internacionais

	1990	2000	2010	2013
<b>África</b>	2,5	1,9	1,7	1,7
<b>Ásia</b>	1,6	1,4	1,6	1,6
<b>Europa</b>	6,8	7,7	9,3	9,8
<b>Am. Lat. e Caribe</b>	1,6	1,2	1,4	1,4
<b>América do Norte</b>	9,8	12,8	14,8	14,9
<b>Oceania</b>	17,3	17,3	20	20,7
<b>Mundo</b>	2,9	2,8	3,2	3,2

**Fonte:** Trends in International Migrant Stock: The 2013 revision (United Nations database, POP/DB/MIG/Stock/Rev.2013). Disponível em: <<http://esa.un.org/unmigration/migrantstocks2013.htm?mtotals>>

No âmbito europeu, considerando os 20 países mais populosos, é a Suíça que possui o maior percentual de imigrantes (tabela 02)<sup>2</sup>. Há quase 1 imigrante para cada 2 suíços. Essa proporção de imigrantes está intimamente relacionada com o resultado do referendo realizado naquele país que resultará em maiores restrições para o ingresso de imigrantes

**Tabela 02** – Percentual de imigrantes entre os vinte países com as maiores populações da Europa

eq.	Países	População	Imigrantes	
	Suíça	8 077 833	2 335 059	8,9
	Suécia	9 571 105	1 519 510	5,9
	Áustria	8 495 145	1 333 807	5,7
	Espanha	46 926 963	6 466 605	3,8
	Grã Bretanha e Irlanda do Norte	63 136 265	7 824 131	2,4

<sup>2</sup> Por sua vez é a Federação Russa, considerando o estoque em meados do ano de 2013, o país com maior número de imigrantes.

	Alemanha	82 726 626	9 845 244	1,9
	Holanda	16 759 229	1 964 922	1,7
	França	64 291 280	7 439 086	1,6
	Bielorrússia	9 356 678	1 085 396	1,6
0	Ucrânia	45 238 805	5 151 378	1,4
1	Bélgica	11 104 476	1 159 801	0,4
2	Itália	60 990 277	5 721 457	,4
3	Grécia	11 127 990	988 245	,9
4	Portugal	10 608 156	893 847	,4
5	Federação Russa	142 833 689	11 048 064	,7
6	Sérvia	9 510 506	532 457	,5
7	Hungria	9 954 941	472 798	,7
8	República Tcheca	10 702 197	432 776	
9	Polônia	38 216 635	663 755	,7
0	Romênia	21 698 585	198 839	,9

**Fonte:** Trends in International Migrant Stock: The 2013 revision (United Nations database, POP/DB/MIG/Stock/Rev.2013). Disponível em: <<http://esa.un.org/unmigration/migrantstocks2013.htm?mtotals>>

Portugal mantém uma posição intermediária, considerando esse grupo de 20 países tanto no que diz respeito ao número de habitantes, quanto em relação à proporção de imigrantes. Em Portugal o crescimento da imigração está associado, além das demandas criadas pelo envelhecimento populacional, às transformações econômicas e melhorias da infraestrutura produzidas por sua incorporação na UE e da realização de grandes eventos comerciais e culturais como a Expo em Lisboa. A modernização e construção das autoestradas na década de 1990 e os preparativos para a Expo 1998, por exemplo, demandou uma mão de obra não disponível em seu território. Nos dias de hoje, quando o número de retornados cresce em Portugal, assim como em boa parte dos países do sul da Europa, os maiores contingentes de imigrantes são originários do Brasil, Ucrânia, Cabo Verde, Romênia e Angola. (Tabela 3)

**Tabela 03** – Imigrantes por nacionalidade

<b>País de origem</b>	<b>%</b>
Brasil	25
Ucrânia	11
Cabo Verde	10
Romênia	8
Angola	5
Guiné-Bissau	4
China	4
Reino Unido	4
Moldávia	3
São Tomé e Príncipe	2
Outros	23
<b>Total</b>	<b>99</b>

Fonte: DIAS, 2013.

Os dados apresentados nessa parte do artigo nos permitem visualizar a intensidade e amplitude do fenômeno migratório no mundo contemporâneo. Se a Europa não é o continente que mais recebe imigrantes, sua centralidade na ordem global faz da imigração um dos temas que ocupam o topo de agenda política. Do mesmo modo, se Portugal não é o principal destino de imigrantes na Europa, sua condição de antiga metrópole e país com tradição emigratória colocam questões interessantes, tal como para o conjunto da Europa, sobre políticas de integração e gestão da diversidade por meio de práticas educativas. Vejamos na próxima parte como o fluxo migratório coloca elementos para se pensar a diversidade no mundo contemporâneo em geral.

## 2. DIFERENÇA, DIVERSIDADE E IMIGRAÇÃO

A compreensão da diferença como direito no âmbito dos fluxos migratórios pode ser entendida como resultado dos limites e contradições das experiências passadas de integração baseadas na ideia de assimilação, a exemplo dos casos dos EUA e Brasil, até os meados do século XX, mas também do empoderamento de segmentos sociais discriminados e/ou secundarizados seja pela etnia, gênero ou pela orientação sexual até pelo menos na primeira metade do século XX. Pode-se dizer que ao longo desse século, a diferença deixa, em especial a partir do Pós Guerra, à medida que os movimentos sociais tornam-se mais combativos e conquistam seus objetivos, de ser sinônimo de desigualdade para se tornar de direitos. Neste sentido, esse processo coincide com o que Hall (2002) denominou de

descentramento identitário. A legitimação de novos pertencimentos tem implicado, desde então, o reconhecimento e positivação de novos direitos.

É com base nessas transformações que no final do século XX e início do XXI as políticas de imigração, no que diz respeito às concepções e ações de integração dos imigrantes, passaram a privilegiar e mesmo a valorizar a diferença cultural sob o eufemismo diversidade cultural.

Há, no entanto, a necessidade de atentarmos para as tensões, ambivalências e contradições do uso da ideia da diversidade, primeiro para explicar e dar sentido a um contexto fortemente marcado pelas migrações internacionais e, segundo, como veremos na próxima parte, como tem sido incorporada e operacionalizada nas políticas e ações de integração de imigrantes, das diferenças por eles produzidas.

Antes de adentrar na relação com imigração vale atermo-nos um pouco sobre o modo como a diversidade e a diferença têm sido construída no último século. A celebração da diferença como direito e como dimensão positiva da diversidade cultural atingiu um significado mais amplo e complexo com o desenvolvimento da noção de multiculturalismo e multiculturalidade. Também coincide com o crescimento do interesse sobre as identidades relacionadas ao gênero, etnia e orientação sexual que aos poucos sobrepuseram, política e analiticamente, os já desgastados marcadores identitários produzidos por partidos políticos e sindicatos.

A dinâmica baseada na valoração da diversidade cultural tem um forte teor ambivalente já que não passa, necessariamente, por rupturas com as origens. Isto quer dizer, por exemplo, que como brasileiro, nada me impede de conhecer e apreciar novos tipos de alimentos, sem que isso signifique que vou deixar de gostar dos alimentos e do seu modo de preparo característicos do local de onde eu vim e vivi no Brasil. Dessa perspectiva, a diversidade é produzida como soma de bens simbólicos (religião, estética, paladares, música, dança, etc.) Nesse caso, supõe-se que os atores sociais estão mais assimetricamente dispostos nas relações que mantêm entre si, isto é, há maior horizontalidade entre eles na produção de gostos ou padrões estéticos. Essa possibilidade de vivência da diversidade pode ser observada no plano do cotidiano onde se produzem e recriam modos de vida.

No entanto, em determinados contextos não é possível aderir a um novo elemento cultural sem abrir mão de um já existente. Por exemplo, há determinadas situações em que a lógica da soma de bens simbólicos é substituída pela subtração destes. Nesse contexto, não se pode aderir a uma nova religião sem abrir mão da antiga; não se pode construir novas percepções do mundo sem destruir as que já se tinha; não se pode gostar de um novo alimento, de um novo estilo de música, sem criticar as velhas formas de se alimentar e os velhos parâmetros musicais. Nesses casos, reforçam-se as fronteiras já existentes ou criam-se novas fronteiras sejam elas físicas

ou simbólicas. A diversidade como subtração é produzida e produz campos e relações assimétricas.

Novos desafios políticos e analíticos ao debate são postos pela apropriação da diversidade pela lógica do consumo, pelo consequente esvaziamento político e (re)naturalização da diferença. O direito à diferença, produzido pelos embates políticos travados por movimentos sociais<sup>3</sup> acabou refugiado em fortalezas e guetos. As identidades tornam-se autocentradas e os pontos de interseção e diálogo são reduzidos<sup>4</sup>. Assim, a concepção multicultural da diversidade extrapola os campos das lutas sociais e das expressões culturais e triunfa na sociedade do consumo.

Esse processo está associado à expansão do consumo para o campo da cultura (BAUMAN, 2008; CANCLINI, 2008; SANTOS, 2013) e como isso se tem produzido uma nova dinâmica na experimentação cotidiana da diferença. Alimentar-se em estabelecimentos e em locais de grande apelo multicultural, vestir-se de acordo com estilos originários de várias partes do mundo, dançar e cantar músicas de várias procedências estéticas e culturais tem criado, ao menos para parte da sociedade, um sentimento de se viver um mundo plural.

Os sinais de esgotamento político e analítico do multiculturalismo resultantes da apropriação pelas dinâmicas do consumo econômico e cultural deu origem às noções de interculturalismo. Como chave analítica, propõe-se a dar conta das ambivalências produzidas, por exemplo, pelas sobreposições entre cidadania e consumo e diferença e desigualdade (CANCLINI, 2008). Por meio do interculturalismo pode-se ir além do mosaico de identidades autocentradas produzidas pelo multiculturalismo. O interculturalismo no sentido dado por Canclini (2007) restitui as relações entre poder e cultura e procura dar visibilidade às relações de dominação muitas vezes ocultadas quando a diversidade é tratada sob a perspectiva do consumo.

O interculturalismo nos permite acrescentar uma terceira possibilidade às criadas pelo multiculturalismo. Além das possibilidades da soma e da subtração, há a de interseção cultural. O interculturalismo recoloca no cen-

<sup>3</sup> Sobre o papel dos movimentos sociais na produção de novos direitos ver OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado Capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984; LEFORT, Claude, *A Invenção democrática*. São Paulo: Brasiliense, 1983. DURHAM, Eunice Ribeiro. Movimentos Sociais: A Construção da Cidadania. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 10: 24-27, out. 1984. SADER, Eder. *Quando os novos personagens entram em cena: experiência de lutas dos trabalhadores da grande São Paulo: 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Sobre os avanços e recuos da produção de direitos a partir da diversidade da perspectiva dos Estudos Culturais ver MATTELART, Armand, NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

<sup>4</sup> Esse processo ocorre às vezes de modo bastante direto e explícito. Uma rede de lojas de roupas presente em vários países, com especial presença em áreas de embarque internacional nos aeroportos, tem como nome *Desigual*.

tro da análise a dimensão política da cultura perdida na perspectiva multicultural colonizada pelo consumo.

Assim, por exemplo, o interculturalismo nos permite entender ambivalências e contradições como a observada entre a generalização do ideário da diversidade na Europa na última década e a realização, no começo do ano de 2014, de um referendo na Suíça, que definiu novas regras para limitar o número de entrada e permanência de estrangeiros, inclusive comunitários. Com uma pequena diferença na votação (50,3%) os suíços disseram não à imigração de massa. Um dos aspectos mais interessantes desse resultado é que ele contraria a vontade e a visão de setores mais organizados da Suíça, tais como o de trabalhadores, empresários e representantes do governo suíço.

Na ocasião do anúncio de seu resultado, a imprensa portuguesa (LORENA, 2014) destacou que a motivação dos eleitores estava mais baseada em um imaginário sobre “o modo suíço de ser e viver” do que a causas econômicas. Aliás, empresários suíços demonstraram preocupação com os impactos econômicos do referendo, seja pelas possíveis implicações sobre a oferta de mão de obra, seja quanto às possíveis sanções econômicas que a Comissão Europeia deverá impor ao país, já que estarão descumprindo parte dos compromissos assumidos (livre circulação de mercadorias, dinheiro e pessoas) ao aderir à União Europeia.

Em outros países onde a imigração foi ou ainda é estimulada tem havido alguns recuos importantes. Considerado como um dos países com políticas imigratórias mais interculturais, o Canadá (POZZO, 2012) nos últimos anos tem reforçado a orientação para estimular a entrada de estrangeiros com alto nível de qualificação acadêmica e profissional em detrimento de imigrantes sem esse perfil. (PECINI, 2012; FRAGA, BÓGUS, 2014). Na Espanha<sup>5</sup> está em curso um retrocesso ainda maior em relação às políticas de imigração. Em termos de fronteiras físicas tem havido inúmeros problemas nas cidades de Ceuta e Melilla, localizadas em solo africano e espremidas entre Marrocos e o Mar Mediterrâneo. O começo do ano de 2014 foi repleto de conflitos entre a polícia espanhola e imigrantes africanos que atravessaram ilegalmente as fronteiras guardadas pelas águas do Mediterrâneo e alambrados. Houve casos de mortes por afogamento, inclusive provocados pela ação policial, que atira balas de borracha nos imigrantes enquanto nadam em direção às cidades espanholas.

---

<sup>5</sup> Romero (2003) diferencia multiculturalidade, multiculturalismo, interculturalidade e interculturalismo. No plano fático (ou dos fatos) a multiculturalidade refere-se à diversidade cultural, linguística e religiosa, já a interculturalidade, às relações interétnicas, interlinguísticas e inter-religiosas. No plano normativo (ou das propostas sociopolíticas e éticas do que deveria ser), multiculturalismo implica no reconhecimento da diferença e, assim, são contemplados os princípios da igualdade e da diferença. Por sua vez, o interculturalismo significa a convivência na diversidade no qual são contemplados os princípios da igualdade, da diferença e da interação.

No plano interno, assiste-se a um claro recuo da ideia e ações voltadas à promoção da diversidade. Uma entrevista com uma psicóloga<sup>6</sup> que hoje trabalha em uma associação de imigrantes revela algumas facetas desse processo. A entrevistada atuou em um passado recente em projetos, com financiamento público, voltados à promoção de ações interculturais entre imigrantes e espanhóis. Esse recuo coincide com a ascensão do Partido Popular ao poder tanto no âmbito local (Ayuntamiento) e nacional (chefe de governo). A análise da entrevistada é reforçada pelo fato das palavras interculturalismo e interculturalidade terem praticamente desaparecido das páginas de internet sobre imigração, mantidas pelo governo espanhol.

Há pelo menos uma outra explicação para esse recuo na Espanha. A interculturalidade e o interculturalismo teriam alimentado a já tensa situação entre as comunidades espanholas que há muito tempo lutam por sua autonomia, como são os casos da Catalunha e do País Basco e o governo central. Desse modo, questões relacionadas à diversidade, inicialmente pensadas como políticas, e ações de integração de estrangeiros, repercutiram na integração e convívio no seio do estado espanhol.

É importante ressaltar, no entanto, que a preocupação com a diversidade não foi completamente extirpada do discurso e da preocupação oficial na Espanha, restringindo-se ao campo da educação. A diversidade continua a ser tratada no âmbito das escolas por meio de conteúdos e projetos pedagógicos elaborados e desenvolvidos com o objetivo de promover o que aqui já chamamos de diversidade por meio da soma. Despolitizada e reduzida ao plano comportamental, a diversidade tem sido tratada nas escolas como expressão de boas práticas para o convívio com a diferença.

As migrações contemporâneas evidenciam diferentes possibilidades de articulação entre a cultura e a política. Essas diferentes articulações podem ser observadas em vários campos (BOURDIEU, 1989). No campo econômico observa-se a proliferação de serviços e produtos com forte referência à diversidade seja ela no ramo da moda, da gastronomia e ou do entretenimento. Na cultura, muitas vezes sobrepostas ao entretenimento, assiste-se a um grande número de atividades, algumas autofinanciadas outras mantidas com recursos públicos e privados. Também na educação há um número significativo de atividades voltadas à valorização da diferença. A educação, como vimos no caso da Espanha, pode estar se tornando o refúgio de ações interculturais o que, por mais importante que esse campo seja, restringe a dimensão política às chamadas boas práticas de convivência, tendo em vista o desenvolvimento da tolerância e da aprendizagem por meio do convívio com o diferente. Veremos na parte número quatro desse artigo como a questão da diversidade do ponto de vista do interculturalismo tem sido tratada em Portugal.

<sup>6</sup> Entrevista realizada em Madri em dezembro de 2013.

### 3. INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES E GESTÃO DA DIVERSIDADE

Como já tive a oportunidade de expor, o crescimento do fluxo migratório ocorre em um contexto marcado pela emergência da diferença como direito. A mudança do paradigma da integração de imigrantes está na origem da necessidade de gerir a diversidade cultural produzida por eles. Ainda que tenham crescido as restrições e repressão contra o imigrante indocumentado, uma vez legalizados, resta saber o que fazer para garantir a coesão social em um ambiente marcado por diferentes idiomas, diferentes religiões e diferentes visões de mundo. A imigração é um fato que não pode ser negado. Resta administrá-lo.

A gestão da diversidade produzida pela imigração precisa ser compreendida a partir dos vários níveis e esferas de decisões, e da implementação de políticas públicas em cenário tão peculiar político e institucionalmente que é a União Europeia. Há ao menos três níveis que precisam ser considerados para chegarmos à elaboração das publicações de teor pedagógico que iremos analisar na parte seguinte desse artigo.

O primeiro nível se refere às orientações mais gerais definidas no âmbito da União Europeia. A questão básica refere-se ao fato de que a UE implicou a criação de um espaço de livre circulação de pessoas (além das mercadorias e circulação financeira) em que as fronteiras internas entre os países que constituem o espaço Schengen foram eliminadas, o que obriga os países a aumentar o controle de entrada de cidadãos de países terceiros. Uma vez adentrado no espaço Schengen ter-se-á acesso a todos os países que o constitui.<sup>7</sup> Nesse sentido, desde 1999 a UE busca estabelecer a Política Comum de Imigração para a Europa. Em 2009, o Tratado de Funcionamento da União Europeia estabelece normas relacionadas às condições de entrada e residência de imigrantes; procedimentos em matéria de emissão de vistos e autorizações de residência de longa duração; os direitos dos imigrantes que residem legalmente num determinado país da UE; combate à imigração e permanência ilegais; luta contra tráfico de seres humanos; acordos de readmissão de cidadãos que regressam aos seus países de origem; incentivos e apoio aos países da UE, com vista a fomentar a integração de imigrantes.

Do mesmo modo que todas as demais matérias tratadas no âmbito da UE, os resultados da Política de Imigração pode assumir duas formas. O primeiro tipo são os regulamentos e decisões que “são diretamente aplicáveis como lei em todos os países da União”. O segundo tipo são diretivas

<sup>7</sup> Até o mês de setembro de 2014 o espaço Schengen era constituído pelos seguintes países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Islândia, Itália, Letónia, Lúxemburgo, Malta, Noruega, Países Baixos, Polónia, Portugal, República Checa, Suécia e Suíça.

que dependem de sua transposição para o ordenamento legal e jurídico de cada membro da UE.

Para apoiar financeiramente as iniciativas dos Estados membros da UE, no que diz respeito às políticas e ações de integração de imigrantes, foi criado o Fundo Europeu de Integração de Nacionais de Países Terceiros (FEINPT)<sup>8</sup>. Em 2007 foi lançado em Bruxelas o primeiro quinquênio de linhas de financiamento de modo que os vários países da UE pudessem a elas recorrer para desenvolver programas, projetos e ações voltadas à integração de imigrantes em seus respectivos territórios. Como veremos o FEINPT é o financiador das publicações que serão apresentadas e analisadas na próxima parte desse artigo.

No caso de Portugal o tema da imigração tem no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) o principal organismo em âmbito nacional de operacionalização das decisões e das diretivas da UE. Em Portugal foi elaborado e implementado o primeiro Plano Plurianual para o período de 2007 a 2013<sup>9</sup>.

Além do Plano Plurianual, foi implementado o Plano de Integração de Imigrantes, cuja segunda versão orientou a elaboração das publicações objeto de análise desse artigo. Este último prioriza medidas para favorecer o combate ao abandono e insucesso escolar dos descendentes de imigrantes; o reforço da formação profissional dirigida às comunidades imigrantes; a aposta na intensificação dos programas destinados ao ensino da língua portuguesa, e os instrumentos para facilitar o acesso dos imigrantes ao pleno exercício dos seus direitos individuais e sociais, nomeadamente nas áreas da saúde, habitação e justiça<sup>10</sup>.

O Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), principal órgão público português para assuntos relacionados à imigração, ontribui para a elaboração de normas em âmbito nacional e é responsável pela execução e avaliação das políticas públicas voltadas à integração de imigrantes e minorias étnicas. A inserção do ACIDI na estrutura institucional e política do Estado Português é uma de suas particularidades. Ao contrário de vários países que mantêm o tema da imigração

<sup>8</sup> O Fundo Europeu para a Integração de Nacionais de Países Terceiros é um dos quatro instrumentos financeiros do Programa geral “Solidariedade e gestão dos fluxos migratórios”, destinado a assegurar uma repartição equilibrada das responsabilidades que decorrem para os Estados-Membros da introdução da gestão integrada das fronteiras externas dos Estados-Membros da União Europeia e da aplicação de políticas comuns em matéria de asilo e imigração. Os outros três Fundos são: o Fundo Europeu para as Fronteiras Externas, o Fundo Europeu de Regresso e o Fundo Europeu para os Refugiados. Para outras informações acessar: <http://fundoscomunitarios.mai.gov.info/home/programa-quadro-solidariedade-e-gestao-de-fluxos-migratorios/fundo-europeu-de-integracao/>

<sup>9</sup> O Plano Plurianual pode ser acessado pelo seguinte link: [http://www.acidi.gov.pt/\\_cfn/52bd684ed9078/live/Programa+Plurianual](http://www.acidi.gov.pt/_cfn/52bd684ed9078/live/Programa+Plurianual).

<sup>10</sup> Sobre o II Plano de Integração de Imigrantes ver: (<http://www.gep.msess.gov.pt/planeamento/pimigrantes.php>)

sob a responsabilidade de Ministérios responsáveis ao emprego e trabalho, como são os casos da Espanha e do Brasil, o ACIDI responde diretamente à Presidência do Conselho de Ministros, o que lhe garante inserção de modo transversal em todos os ministérios do Estado português. Ao lado do FEINPT, o ACIDI atua no financiamento e apoio de material voltado à educação dentro e fora das escolas.

Destaca-se, ainda, o fato de trazer em seu nome a referência explícita à interculturalidade o que demonstra que há não apenas a preocupação com a integração, mas também, que ela deve ser intercultural e dialogada. Ainda que o *site* do órgão utilize de forma clara a sigla ACIDI, no início de 2014 este passou a ser chamado de Alto Comissariado para as Migrações (ACM), o que é explicado pelo fato de a emigração em Portugal ter crescido nos últimos anos em grande parte em razão da crise econômica que atinge o país. Pelo pouco tempo, não é possível fazer nenhuma inferência sobre a mudança de nome e o quanto isso pode representar um recuo, como o observado na Espanha, em termos da natureza da política de integração de imigrantes pelo Estado português.

Os Centros Locais de Apoio à Integração dos Imigrantes (CLAII) é a ponta mais próxima da realidade cotidiana do fenômeno imigratório, cujo outro extremo são os órgãos da UE voltados para o mesmo tema. Os CLAII constituem uma rede bastante extensa e estão instalados em quase cem gabinetes distribuídos em todo o Portugal e são responsáveis pela operacionalização dos programas, projetos e ações voltadas à integração.

Na próxima parte passaremos à descrição e análise do material voltado ao aprendizado com a diversidade, produzido dentro do contexto imigratório já discutido e por meio de um aparato institucional e administrativo de gestão da diversidade que articula as decisões mais gerais da UE com a realidade local dos municípios e freguesias portuguesas.

#### 4. VIDAS DE IMIGRANTES

Para esse artigo selecionei três publicações elaboradas no âmbito das iniciativas governamentais portuguesas voltadas à integração e gestão da diversidade do imigrante em uma perspectiva intercultural. Como vimos na parte anterior desse artigo, o governo português por meio do ACIDI tem desenvolvido um conjunto de ações em vários níveis, especialmente no campo da educação dentro e fora das escolas. Ocuparei-me aqui de publicações voltadas a um público menos restrito como são os desenvolvidos para as escolas, isto é, de publicações com propósitos pedagógicos, mas não voltados à comunidade escolar.

As publicações escolhidas têm vários aspectos em comum, o que não impede que guardem especificidades entre si. Entre as semelhanças destacam-se o financiamento recebido do FEINPT e do ACIDI, bem como

terem sido produzidas por CLAI's em parceria com Juntas e/ou câmaras municipais. Guardam, ainda entre si, a semelhança de se centrarem em histórias de vida de imigrantes de várias nacionalidades que chegaram a Portugal em busca de trabalho, ou trazidos por seus pais pelo mesmo motivo. As publicações, assim, são constituídas em sua maior parte de transcrições de histórias de vida, intercaladas por algumas intervenções de seus organizadores.

As narrativas iniciam-se pelos motivos que trouxeram os imigrantes a Portugal (há um caso de emigração de uma portuguesa para a Suíça) e como chegaram à cidade e/ou freguesia onde vivem atualmente. Em alguns casos, destacam-se as dificuldades vividas no país de origem. Os imigrantes são levados a discorrerem sobre os pontos positivos e negativos do processo de integração em Portugal, momento em que se busca dar ênfase a casos de discriminação, racismo e xenofobia. Do mesmo modo, são convidados a falarem sobre como enfrentaram e/ou enfrentavam (ocasião da coleta da narrativa) as dificuldades no local de destino.

A maior diferença entre as publicações eleitas como material de análise está no fato de uma delas ter sido produzida com crianças e adolescentes imigrantes. Nesse caso, a ênfase recai sobre a vida na escola e a importância de pais, professores e colegas na produção e superação da discriminação. Ainda nesse material, há receitas de doces e referências à história e aos costumes do país de origem, assim como informações presentes em outras publicações coletadas durante a pesquisa, mas que não integram a base de análise para esse artigo.

#### ESTRADA DE NINGUÉM ... MUNDO DE TODOS.

A publicação foi apoiada financeiramente pelo Fundo Europeu para Integração de Nacionais de Países Terceiros (FEINPT), o Alto Comissariado para a Integração e Diálogo Intercultural (ACIDI) e também pelo Comoiprel / CIPRL – Cooperativa Mourense de Interesse Público de Responsabilidade Limitada (fundada em 1986). A CLAI/Moura acolhe á reas de intervenção, formação e ensino profissional, desenvolvimento social e comunitário, marketing, cooperação e desenvolvimento.

A cidade de Moura está localizada no Alentejo, no distrito de Beja, distante 220 km de Lisboa, fazendo fronteira a leste e ao sul com a Espanha. Desde 1960, quando quase atingiu a casa de 30 mil habitantes, sua população tem diminuído e o último censo registrou pouco mais de 15 mil moradores. Faz parte de um concelho eminentemente agrícola ainda que tenha em seu território a maior usina de energia solar do mundo - considerada à época de sua instalação.

É nesse cenário que *Estrada de ninguém ... mundo de todos* é produzida. A publicação tem como base a história de uma imigrante brasileira,

um imigrante romeno e uma emigrante portuguesa. Todos os três viviam na ocasião da coleta de suas histórias de vida na cidade de Moura. A brasileira e o romeno migram quando estão próximos dos 40 anos e acabam por se casar. A terceira história de vida é a de uma emigrante portuguesa que narra sua experiência na Suíça, no início dos anos de 1990.

A Mariza tinha 39 anos e havia vivenciado uma trajetória de migração dentro Brasil, entre Minas Gerais e a cidade de São Paulo. A emigração para Portugal está associada às dificuldades econômicas produzidas por baixos salários e empregos instáveis. Diante disso, ela migra para Portugal em setembro de 2004.

A narrativa destaca a trajetória de migrante da brasileira já no Brasil. Em Portugal, a percepção da diferença não aparece sob a forma do preconceito. Antes, como estranhamento em relação à alimentação e ao sotaque. O desconforto produzido por não estar em seu país aparece sob a forma da satisfação de ir a bares e restaurantes “brasileiros”, espaços onde se amenizam as diferenças em razão do predomínio do que denominou de “jeito brasileiro”. A alteridade fica mais marcada com a vinda de seu filho que, até ser “integrado” à vida social da cidade por meio do esporte, desejava retornar ao Brasil.

Essa percepção de seu lugar em Portugal é complementada pela demonstração de gratidão e respeito aos portugueses. Isso é explicitado tanto em relação aos seus primeiros empregadores (em trabalho doméstico) em Lisboa e, depois, de modo mais abrangente, na cidade de Moura, onde demonstra estar feliz e adaptada.

O “bem estar” de Mariza está associado à existência de vários pontos de interseção cultural com a sociedade receptora, que podemos chamar de expressões do interculturalismo. Ainda que estranhe e seja estranhada por seu sotaque, seu paladar e seu “jeito”, de acordo com a narrativa e comentários dos organizadores da publicação, parece ter-se “encaixado” no papel do bom imigrante, protagonista de uma diversidade não conflitiva. Os pontos de interseção, portanto, parecem estar em sua ótima performance no papel da boa imigrante. Isto é, corresponde com o que os gestores da interculturalidade esperam adequando-se muito bem às suas expectativas e estando de acordo com suas disposições práticas e simbólicas, adquiridas e modificadas em sua trajetória de migrante que se iniciou ainda no Brasil.

Destaca-se ainda que Mariza após ter mudado para Portugal casou-se com um imigrante romeno. Esse casamento reforça a tese sobre a positividade da diversidade cultural, religiosa, idiomática e nacional que Portugal tem vivenciado nas últimas duas décadas. O casamento entre imigrantes de origens tão distintas em solo português é prova de que a diversidade resulta positivamente. A avaliação da trajetória da brasileira pelos organizadores da publicação não deixa dúvida do que esperam ser o imigrante “ideal”: “Enquanto imigrante, Marisa é um exemplo de sucesso e de

aplicação de ingredientes essenciais como o trabalho, persistência, humildade e sentido de oportunidade” (p. 52).

A segunda narrativa que aparece em *Estrada de ninguém ... mundo de todos* é do marido da brasileira. Originário da Romênia, Danut emigrou em 2003 para Portugal, já que não encontrava em seu país remuneração e segurança, devido a problemas associados às mudanças pelas quais a Romênia passou desde a Revolução de 1989, que encerrou o regime comunista no país. Com base na narrativa do imigrante romeno, percebe-se um processo de integração um pouco menos harmonioso do que o da brasileira. Primeiro, porque explicitou o peso de pagar um preço por pertencer a uma nacionalidade sobre a qual há muitos estereótipos. Não que isso não exista em relação aos brasileiros, mas esse não foi um aspecto sobre o qual a brasileira entrevistada tenha dado destaque. No caso de Danut, ainda que não explicitado, a associação entre romenos e ciganos é comum, não apenas em Portugal, mas em grande parte da Europa. Essa é uma identificação que produz diferenças hierarquizadas.

Ser imigrante aparece também como parte da explicação de receber salários mais baixos do que os que eram pagos aos trabalhadores portugueses que exerciam o mesmo trabalho e, do mesmo modo, não ter benefícios pagos pelo patrão. O ingresso da Romênia, em 2007, na União Europeia funcionou a seu favor, não apenas por facilitar a legalização de sua residência em Portugal, mas também porque o protegeu em seus direitos como trabalhador assalariado.

Na narrativa do imigrante, os romenos constituem um grupo ainda relativamente fechado, que valoriza e se apega às suas tradições seja no campo religioso (católica ortodoxa), seja na cultura e educação dos filhos, algo que, por exemplo, é materializado na narrativa, por meio de feiras e eventos culturais promovidos pela associação. No entanto, destaca que a associação de Romenos da Cidade de Moura, ainda que não tenha uma sede própria, contribui não apenas para o amparo dos imigrantes, mas também, por funcionar como um meio de conexão com a sociedade receptora e com outras comunidades de imigrantes.

O casamento com a brasileira demonstra que, por menos aberta que a comunidade romena possa estar, não impede casamentos fora do grupo. Daí a importância da presença do casal na publicação. Do lado do imigrante romeno, o casamento interétnico é uma evidência de que é possível conviver, no plano do cotidiano e do afeto, com as diferenças. Nesse sentido, a diversidade é positivada como campo de produção da coesão social em cenário pleno de mudanças e incertezas.

Desse modo, mesmo que menos clara, evidente e harmoniosa, quando comparada à da esposa brasileira, a trajetória do imigrante romeno revela dissensões e conflitos, mas, também, reforça a importância de formas

mais institucionalizadas e tradicionais de convívio, como as associações e a família, para a promoção da coesão em sociedade diversa como a portuguesa.

A terceira e última narrativa de *Estradas de ninguém, mundo de todos* é a da portuguesa Antónia de Moura, que em 1990, aos 37 anos, migra para a Suíça em busca de trabalho. Não há referências explícitas, mas tudo indica que Antónia é uma das organizadoras da publicação. Vale destacar que diferentemente da brasileira e do romeno, a portuguesa migra provisoriamente. Além disso, o domínio do Francês, idioma falado na região suíça para onde se dirigiu, aparece como um elemento distintivo em relação aos outros imigrantes com os quais passa a viver sua trajetória.

Tal como o romeno, a portuguesa venceu seu percurso até o país de destino por terra e ônibus. Atravessou a Espanha e a França alimentando-se da comida trazida de casa e ou comprada nas lanchonetes das estações rodoviárias por onde passava. Na fronteira entre a França e Suíça enfrentou, ao contrário da brasileira que narrou seu medo e vulnerabilidade na alfandega em Barcelona, com firmeza e confiança a fiscalização com seu “francês impecável”.

O domínio do idioma é a tônica da narrativa da portuguesa. Ele aparece como base de uma autoestima que permite entender e contestar seus padrões suíços. É ele que permite que fora do trabalho, nas colheitas onde encontra, relacione-se com portugueses e imigrantes de outras nacionalidades, conviva com vizinhos suíços e com eles compartilhe alimentos e vinhos portugueses comprados em estabelecimentos especializados em produtos estrangeiros para o consumo dos imigrantes.

A narrativa acaba com o retorno da portuguesa a Moura. Ainda que não de modo explícito, a ideia que fica é a de que obteve sucesso em seu empreendimento e voltou após ter alcançado seus objetivos. Distanciamentos físicos e culturais, dificuldades e superação, a vida sob a diversidade. Essas parecem ser as ideias principais e comuns das narrativas em *Estradas de ninguém, mundo de todos*, que a migrante portuguesa - e possível organizadora da publicação, sintetiza.

[...] distâncias e diferenças regionais e culturais de origem, que os separavam, ficam esbatidas pelo percurso comum e pelas novas dificuldades resultantes da língua e do desconhecimento das formas de vida e das leis dos países que os recebem (p. 57).

Assim, de acordo com a introdução feita pelo Presidente da Câmara Municipal, a publicação de *Estradas de ninguém, mundo de todos* cumpre a finalidade de afirmar a identidade do povo português a partir do conhecimento e compreensão das trajetórias de migrantes. Essa é uma concepção de vivência intercultural da diversidade, segundo a qual o respeito ao outro e ao diferente não anula, ao contrário, fortalece a identidade portuguesa.

## HISTÓRIA VIVIDAS, HISTÓRIAS SENTIDAS (2012)

Publicação organizada pelo CLAII, do Município de Figueira de Castelo Rodrigo, como parte do Projeto rumo à diversidade e da segunda edição do Programa de Promoção da Interculturalidade em nível municipal, financiado pelo FEINPT e ACIDI. Figueira de Castelo Rodrigo é um concelho localizado no Distrito de Guarda e faz fronteira com a Espanha. O concelho possui cerca de 7 mil habitantes. A economia do concelho baseia-se na agricultura, no pastoreio e na extração e processamento do granito.

*História vividas, histórias sentidas* apresenta pequenas narrativas sobre integração de crianças e adolescentes no concelho com ênfase na explicitação de vivências da diversidade cultural e na superação de situações de estranhamento, percepção e vivência da alteridade. “[...] conseguimos sentir que houve uma integração destes alunos em Portugal e que sentem parte integrante desse país que os acolheu.”

Além de 7 curtos depoimentos, traz receitas de doces, dados e informações históricas e fotografias dos lugares de origem. O material tem como pano de fundo a diversidade cultural e religiosa e está organizado de modo a expor as dificuldades de integração e como e com ajuda de quem essas dificuldades foram superadas.

Para efeito de análise, escolhi com base em sua representatividade geográfica e cultural, as narrativas de dois irmãos da Moldávia, uma menina brasileira e um garoto nascido na Espanha e de origem islâmica.

A Moldávia é considerada o país mais pobre da Europa. Em 2013 era ainda o único país do continente a ter índice de desenvolvimento humano médio (0,633). Ainda que em seus depoimentos os adolescentes moldávicos não tenham explicado, a situação econômica de seu país de origem parece ser um dos principais motivos que levaram seus pais a emigrarem.

Dorin e Cristian (com 18 e 14 anos respectivamente, no momento da coleta das narrativas) estavam há dois anos em Portugal na ocasião de sua participação no livro. As principais fontes de estranhamento e alteridade foram vividas pelo idioma, tempo de permanência na escola (no país de origem ficavam menos tempo), práticas festivas (como o Halloween e o Carnaval) e alimentação. “Aqui as pessoas estão sempre a comer” (p.04). A superação das dificuldades produzidas pelas diferenças culturais e linguísticas ocorreu por meio da ajuda dos pais, professores, colegas da escola e a prática de esporte.

A narrativa dos moldávicos nos conduz ao reconhecimento da possibilidade do convívio na diversidade e da importância da família, escola e das atividades esportivas como elementos e mecanismos de promoção da superação da diferença e da criação de pontos de interseção cultural.

A menina brasileira tinha 9 anos quando *História vividas, histórias sentidas* foi produzida. Migrou com seus pais com apenas três anos e, portanto, havia passado a maior parte de sua vida em Portugal. Em suas recordações, as maiores dificuldades de adaptação foram a alimentação, o frio no inverno e com o sotaque, já que mantinha o “jeito” brasileiro de falar. Revela que, junto com a irmã, sofreu preconceito por ser brasileira, algo superado com o apoio e as orientações dos pais. A narrativa da pequena Yasmim transcorre por meio de destaques de aspectos positivos da cultura brasileira e da vida em Portugal. Não há oposições ou diferenças irreconciliáveis. O afeto e a situação confortável da família parecem compensar as diferenças climáticas e em relação à alimentação.

A terceira narrativa da publicação *História vividas, histórias sentidas* escolhida é de Anwar, garoto de 11 anos que vivia há 3 anos em Portugal. Sua trajetória é bastante interessante. É filho de uma família muçulmana, mas, por meio de sua narrativa, percebe-se que a família já possuía uma trajetória de migração. Os pais são marroquinos, mas Anwar nasceu na Espanha. Além disso, passa as férias com familiares em Marrocos. Conta que teve algumas dificuldades iniciais para se adaptar, principalmente em relação ao idioma e à alimentação. Em sua narrativa, os problemas com o idioma foram resolvidos com o auxílio do professor que o orientava a sempre ter em mãos um dicionário. As dificuldades com idioma diminuíram, mas não desapareceram principalmente ao escrever em português. No caso da alimentação, o uso frequente da carne de porco na culinária portuguesa, e as restrições ao consumo desse tipo de carne pelo islamismo, criou alguma tensão em seu cotidiano. Além disso, não gostava de sopa e de bacalhau. Sua narrativa não dá conta do que e como ocorreu para que passasse a incluir a carne de porco em sua alimentação, mas o fato é que ao final diz adorar a comida portuguesa. A adaptação à vida em seu novo país está ainda associada à prática esportiva e à participação em um clube de música. Na parte final de sua narrativa declara: “Adaptei-me muito bem a Portugal e integrei-me facilmente” (p.09).

O caso de Anwar inclui uma diferença mais aprofundada gerada pelo fato de a família pertencer a uma religião não cristã, portanto, mais distante do catolicismo ortodoxo ou das religiões pentecostais que têm crescido em número e importância entre os imigrantes. A superação das diferenças, sua integração e o consequente convívio positivo com a diversidade passa mais uma vez pela família, pela escola e por atividades desenvolvidas por entidades que eventualmente podem participar de editais como os do FEINPT.

Esse material com base em narrativas de criança foi visto pelos organizadores da publicação, como atores sociais com menor visibilidade. Como o próprio título evidencia, a ênfase dada para a questão da imigração e da diversidade por ela produzida foi a vivência e os sentimentos das crianças e adolescentes e o objetivo de favorecer as comunidades e em geral a

compreender e colmatar as diferenças. Ainda que não explicitado, a publicação faz parte dos esforços por parte do governo português de garantir a coesão social em um contexto marcado pela diversidade cultural.

#### HISTÓRIA DE VIDAS EM UM MUNDO EM MOVIMENTO (2012)

Como as duas publicações anteriores, a *História de vidas em um mundo em movimento* foi financiada pelo ACIDI e FEINPT. Faz parte das ações da Câmara Municipal de Rio Maior e do CLAII do município. A publicação do livro é justificada pela necessidade de orientar de modo proativo o acolhimento de imigrantes no âmbito do município. Em seu prefácio há a associação entre o desconhecimento sobre a história e a cultura dos imigrantes e o preconceito, racismo e xenofobismo, além de defender a ideia de que a multiculturalidade é um fator de desenvolvimento do município.

A cidade Rio Maior possui cerca de 12.000 habitantes e o concelho a que pertence possui aproximadamente 21.000 habitantes. Localiza-se na antiga região do Ribatejo e possui nas salinas uma de suas principais atividades econômicas. A cidade ainda se destaca por abrigar um centro esportivo que atrai atletas de Portugal e de várias partes do mundo.

A publicação é constituída por 10 histórias de vida. Cinco mulheres e homens. Para efeito de análise optei por três delas, e o critério utilizado para escolha continua o mesmo, isto é, representatividade geográfica e cultural. Nesse sentido, optei pelas narrativas de uma brasileira, um búlgaro e uma cubana.

Regina é brasileira de Belo Horizonte e havia imigrado há 19 anos quando o livro foi publicado, ocasião em que tinha 48 anos. A decisão de emigrar do Brasil está associada ao fato de ter sido vítima de um sequestro que, além de ter provocado sua falência, colocou-a sob as ameaças dos bandidos, para que não desse continuidade às denúncias, à investigação policial e ao processo judiciário. A decisão de ir a Portugal esteve marcada pelo medo e receio associado à condição de ilegalidade. O começo da vida em Portugal com seu companheiro foi marcada por dificuldades financeiras, originadas no fato terem sido trapaceados por um empregador, além da baixa remuneração. Relata que sofreu com a alimentação precária. As qualificações profissionais trazidas do Brasil são, segundo Regina, foram anuladas por sua condição de imigrante brasileira e pobre, expondo-a a situações de preconceito e ao assédio sexual.

O preconceito contra a cor da pele também aparece em sua narrativa por meio da discriminação sofrida por seu companheiro ao se tornar o rei do carnaval da cidade: “Um Rei preto, brasileiro e preto” (p.14). Regina, ainda que identifique e explicita a existência do preconceito sofrido pelo casal, prefere atribuir a responsabilidade ao comportamento e atitude discriminatória: “Tive problema com o preconceito que passei. Com o país

não.” (p.14) Por meio dessa frase, que vem em destaque na publicação, Regina procura individualizar o preconceito em Portugal. O preconceito é algo que existe independente do país, uma ideia que chama a atenção dos organizadores do livro. Apesar das dificuldades enfrentadas por Regina e seu companheiro, o casal pretende continuar vivendo em Portugal, o que se traduz, no caso de Regina, no desejo de obter a cidadania portuguesa.

A narrativa de Regina foi, entre as já comentadas, a que mais explicita a alteridade, bem como a desigualdade existente no contexto migratório português. Ao tempo em que personifica o preconceito como característica de “maus” portugueses, exime o país da responsabilidade de sua existência. Nesse sentido, pode-se dizer que sua narrativa cumpre com o objetivo da publicação de promover a tolerância, o bom convívio e o respeito às diferenças a partir do conhecimento da vida, da cultura e da trajetória dos imigrantes.

Marin é búlgaro, vive em Portugal desde 1987 e na ocasião da coleta de sua narrativa tinha 56 anos. Sua esposa, depois viver por algum tempo em Portugal, por motivos profissionais, voltou para a Bulgária onde reside com os filhos do casal. Sua vinda para Portugal está associada à prática do Handebol. Foi por participar da seleção búlgara que conheceu vários países europeus, inclusive Portugal. Após deixar a seleção foi convidado para jogar pelo time de Braga e de outras equipes portuguesas.

Sair da Bulgária e ir para Portugal está mais associado à sua trajetória como atleta do que necessariamente às condições econômicas ou políticas, já que não faz referência negativa a esses elementos. Ao contrário, tem boas recordações da Bulgária antes de deixar de ser comunista, o que aconteceu em 1990. Marin diz que a vida era boa, tinha direito a férias na praia e, ao contrário de Portugal da época em que migrou, o trabalho infantil era proibido. Ele não se vê como um imigrante e não se inclui entre aqueles que vieram em busca de trabalho, entre os quais diz haver pessoas com más intenções.

Na altura imigrantes de leste foram bem recebidos aqui em Portugal. Depois, pronto, apareceu muita gente quando acabou o muro de Berlim, porque normalmente quando há grandes imigrações, os primeiros que fogem são criminosos, sabes, gente que procura outras coisas. (p. 29)

Maris destaca que ao chegar, encontrou um Portugal mais atrasado e injusto do que a Bulgária. Demonstrou estranhamento em relação ao fato de muitas pessoas não terem bons dentes e o fato de terem que pagar para tratá-los, em contraste com a Bulgária onde o tratamento era gratuito. Comentou ainda sobre as férias e o trabalho infantil. Os pontos positivos estão em grande parte associados ao fato de ter sido um jogador de renome e ter sido convidado para trabalhar no país primeiro como jogador e depois como

técnico. Diz ter encontrado algumas dificuldades de adaptação como aprender o idioma, tema sobre o qual reclama, por não ter recebido nenhum tipo de apoio quando foi contratado para atuar como jogador. Marin pretende continuar em Portugal mesmo em cenário de crise econômica. Sua opção baseia-se tanto nas condições climáticas, quanto na sua idade, o que não lhe daria mais direito a novos planos de mudanças.

A narrativa de Marin esclarece sobre como um estrangeiro se vê e enxerga a imigração em Portugal. Isso porque ele não se vê como imigrante, já que veio a convite e sempre teve espaço e reconhecimento dentro da atividade esportiva. Ainda nesse sentido, em vários momentos de sua fala, faz questão de ressaltar que as condições econômicas e sociais, bem como a qualidade de vida eram melhores em seu país de origem. Por outro lado, ajuda a compreender como e porque existe resistência à imigração, já que para ele nem todos os imigrantes são iguais e há, inclusive, pessoas que migram com outros objetivos que não sejam trabalhar e ganhar a vida honestamente. Deixa, ainda, entrever o acerto da atual política de gestão da diversidade e de integração de imigrantes, que mantém várias iniciativas de ensino de português para estrangeiros, o que não teve quando chegou a Portugal.

Yahima é cubana e migrou para Portugal em 2005. Tal como o búlgaro Marin, a trajetória de Yahima está associada ao esporte. Como já foi dito, a cidade de Rio Maior abriga um dos mais importantes centros esportivos de Portugal. No caso de Yahima, a decisão de migrar para Portugal está associada ao fato de ter se casado com um atleta português. Na ocasião da coleta da história de vida, trabalhava como professora de judô.

A avaliação de Yahima sobre sua vida em Portugal é ambígua. Do ponto de vista das condições estruturais nos campos da saúde, educação e esporte, não tem dúvidas em dizer que Cuba oferece condições muito superiores. Nesse sentido, destaca a sistemática de recrutamento de crianças no início do percurso escolar para as atividades esportivas de acordo com o biótipo, além do amparo que o atleta recebe ao longo de sua vida escolar, direcionando-o, conforme demonstre bom desempenho a centros cada vez mais especializados de treinamento esportivo. Também elogia o sistema de saúde cubano, que além de ser mais humanizado (já que permite sempre o acompanhamento de familiares em caso de internações), parece-lhe melhor organizado. A ambiguidade fica por conta do reconhecimento de que Portugal lhe garantiu maiores oportunidades e assim teve a possibilidade de dar continuidade a uma carreira sênior, algo que não teria em Cuba.

Em relação às questões de acolhimento e integração, a cubana é bastante clara ao expor o preconceito sofrido em algumas situações, como a vivenciada na ocasião do pedido da nacionalidade portuguesa quando teria ouvido: “Aqui em Portugal se aceita qualquer um! Qualquer um pode ser

português!”, e ainda a dificuldade de tratar o cabelo, já que diz que não sabiam tratar do cabelo afro.

A narrativa de Yahima revela que mesmo quando o imigrante possui ocupação e reconhecimento profissional pode ser alvo de preconceito deliberado e encontrar dificuldades de adaptação. A dificuldade com o idioma aproxima-a do búlgaro que foi para Portugal em situação semelhante. Mas se distancia pelo fato de ser negra, o que lhe criou dificuldades extras como não encontrar quem faça seu cabelo. Ao final de sua história de vida, no entanto, avalia positivamente sua estadia em Portugal, já que julga individualmente ter mais oportunidades do que em seu país de origem, com o qual mantém laços afetivos.

Em seu conjunto, *História de vidas em um mundo em movimento* (2012) apresenta narrativas um pouco mais críticas em relação ao tema da diversidade e da integração de imigrantes. Dá maior visibilidade às tensões produzidas pela condição de imigrantes e com ela, às diferenças em relação à visão de mundo, cor de pele e tipo de cabelo, estigmas relacionados à sexualidade, além de outros marcadores da diferença e da alteridade. No entanto, ao dar visibilidade a esses conflitos contextualizados a partir das trajetórias pessoais de imigrantes que sempre evidenciam o sofrimento, o desenraizamento, as dificuldades, a dedicação ao trabalho e a determinação em vencer na vida, traz ao conhecimento do público informações que, tal como propunha, procura demonstrar que as pessoas são semelhantes quando buscam uma vida melhor si próprias e para os seus, contribuindo, por meio da multiculturalidade, para o desenvolvimento da cidade de Rio Maior.

Na primeira parte do artigo busquei reconstruir a trajetória do significado que a diferença cultural teve nesse último século. Vimos que na passagem do século XIX para o XX a diferença era vista predominantemente de modo negativo, e estava na base de dinâmicas políticas e sociais de hierarquização de pessoas, grupos sociais, culturas e nações. O século XX foi palco de uma mudança significativa, ainda que não definitiva em relação à compreensão da diferença. Na realidade, a ampliação da noção de diferença para além da desigualdade esteve associada a dois processos interdependentes. Um, vivenciado no plano das lutas sociais, que resultaram no reconhecimento da diferença como direito e, outro, produzido pelo descentramento e destruição das macrorreferências.

Desse modo, o final do século XX e o início do século XXI a diferença passou a ser entendida como diversidade e, como tal, passou a ser incentivada e protegida. A intensificação dos fluxos migratórios acrescentou novos elementos com a presença física e cultural de pessoas de várias partes do mundo que passaram a conviver com os nacionais dos países receptores. A assimilação, seja como categoria de análise, seja como política de integração do imigrante, primeiro cedeu lugar para a ideia da diversidade, que passou a ser formatada como política de gestão por meio de ações consideradas

multiculturais e/ou interculturais. Do ponto de vista institucional, em especial dos Estados Nacionais e de organismos internacionais como a União Europeia, a diversidade cultural passou a ser objeto de gestão. De um lado a necessidade de respeitar os costumes, a religião e os modos de vida dos imigrantes, de outro, assegurar que os seus próprios costumes, religião e modos de vida não fossem destruídos. Daí o desenvolvimento de planos e a criação de organismos voltados para a gestão da diversidade.

Em Portugal, a gestão da diversidade produzida pela imigração tem sido responsabilidade do ACIDI, que optou pela descentralização e compartilhamento de responsabilidades com os municípios e freguesias portuguesas. A intenção de aproximar o poder institucionalizado sob a forma das Câmaras Municipais, Juntas de freguesia e ou cooperativas, associações e ONGs foi tomada para aproximar os gestores locais da realidade da imigração. É dentro dessa perspectiva que encontramos as publicações de material educativo, sempre financiadas pela ACIDI e pelo FEINPT, dentre as quais, o material aqui apresentado e discutido.

As três publicações analisadas representam, pois, iniciativas de promoção da diversidade e da multi/interculturalidade por meio da educação não escolar. Não apresentam fórmulas e nem tentam definir conceitualmente os temas abordados. Recorrem às histórias de vida apostando que não só a dramaticidade e a capacidade de demonstrar aspectos positivos e negativos da vida dos migrantes são relevantes à divulgação da multi/interculturalidade, mas também cumprem seu papel ao explicitar os pontos de interseção cultural e, sobretudo, oferecer uma outra leitura do convívio com a diversidade, que não seja o da exclusão mútua. Nesse sentido, a inclusão de uma narrativa de uma emigrante portuguesa que vai viver provisoriamente na Suíça cumpre com a finalidade de demonstrar que problemas como “choques culturais” e relações trabalhistas existem não apenas em Portugal. Isso reforça a ideia de que o país é um bom lugar para se viver, inclusive para imigrantes.

Se as publicações não são propositivas quanto ao que se entende por diversidade, multiculturalidade e interculturalidade, elas nos conduzem a uma ideia do que seria um imigrante desejado por parte dos gestores. A começar pela demonstração da capacidade do imigrante em “processar” todas as dificuldades e transformá-las em uma visão ao mesmo tempo complexa e exemplar. A diversidade é produzida pelo sofrimento, pela determinação, pela produção de riqueza de modo que, ao final, a imigração compensa e traz benefícios para todos. Para os imigrantes, para os não-imigrantes, para as cidades para onde vão os imigrantes, para Portugal como um todo. Nota-se, no entanto, que se de um lado as publicações caminham em direção ao “um imigrante desejado”, no sentido de que a diversidade produz e fortalece a coesão social, não há como contraponto a representação de um Portugal perfeito e livre de contradições. Ao contrário, evidenciam em muitos mo-

mentos os problemas econômicos, institucionais e a existência do preconceito, de modo que se pode perceber que os problemas do país não começam com os imigrantes. Assim, a diversidade e multi/interculturalidade é sempre vista como resultado de somas. Seja no plano da cultura, seja no plano da economia.

Trata-se de iniciativas positivas já que, como se propõe, lançam luz sobre as trajetórias de imigrantes de modo a fornecer informações sobre os motivos e as dificuldades. O alvo é o desconhecimento e sua capacidade de produzir o ódio, o racismo e a xenofobia. Mesmo que não tenha ainda informações que me permitam inferir a respeito das relações de causalidade entre as iniciativas desenvolvidas pelo ACIDI e CLAI e o preconceito, o fato é que Portugal tem sido reconhecido por suas políticas de integração de imigração e como o país europeu com os menores percentuais de cidadãos racistas e xenófobos. Como já vimos, seja na parte da revisão da literatura, seja na da análise do material, isso não impede que imigrantes sofram com a discriminação e o preconceito.

A diversidade aparece de modo inerente à imigração seja pela figura do imigrante, seja nas interações sociais em que estão presentes. Os títulos das publicações já anunciam a ideia de mundo sem dono, em movimento, mais diverso, em que as fronteiras entre os países e entre as culturas não impedem o fluxo de pessoas, a troca de conhecimento e o respeito recíproco. Por fim, as publicações investem na ideia de que não é só desejável conviver com a diferença, mas que é possível aprender com o “diferente”.

#### CONCLUSÕES FINAIS

Este artigo teve como objeto privilegiado três publicações elaboradas com base em histórias de vida de imigrantes, como parte das iniciativas do Estado e do governo português, voltadas à integração dessas pessoas e à gestão da diversidade. Procuramos no texto reconstruir o contexto migratório, conceitual e político no qual essas publicações foram produzidas.

Nesse sentido, vimos que os anos de 1990 e de 2000 foram marcados pelo crescimento dos fluxos migratórios em todo mundo. A Europa é um dos continentes com maior proporção de imigrantes. A Suíça possui um imigrante para cada dois nacionais e, em países como a Suécia, Áustria, Espanha e Grã-Bretanha, os imigrantes giram em torno dos 15% da população total. Portugal, antes do início do processo de retorno, deflagrado pela crise econômica, chegou próximo dos 10%. A quantidade, a proporção e a importância geopolítica da Europa e, no caso de Portugal, sua condição peculiar de ser ao longo de sua história, país de emigração e imigração, suscitam questões de grande interesse para se pensar a diversidade e sua gestão por meio de políticas públicas.

A questão da diferença foi tratada como uma construção simbólica e institucional cujo significado varia de acordo com os contextos e a correlação de forças entre os atores sociais e políticos. No final do século XIX e início do século XX a diferença era definida a partir de relações muito verticalizadas entre os mundos ocidental e não ocidental e suas respectivas culturas. Ser diferente dos padrões estabelecidos para a definição da cultura desenvolvida, do belo e do civilizado era, ao mesmo tempo, ser inferior a ele. A ascensão e expansão dos ideais nazistas fortemente influenciados por princípios eugenistas, e o genocídio praticado contra judeus e ciganos, bem como o extermínio de homossexuais, ao final da Segunda Guerra, produziu um movimento que não apenas condenou o etnocentrismo, mas também abriu as portas para a emergência de movimentos sociais. Assim, até o final do século XX, assistiu-se a uma mudança significativa sobre o entendimento da diferença cultural, o que resultou em convertê-la política e juridicamente em uma nova base para o direito. Os direitos das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos indígenas e de outros grupos sociais fortemente discriminados e secundarizados até meados do século XX, passam a configurar nos dispositivos legais e nas plataformas políticas de partidos, sindicatos e movimentos sociais.

No entanto, o avanço dos direitos sociais no final do século XX e início do século XXI sofre, por assim dizer, revés no que diz respeito à sua capacidade crítica e de questionamento da ordem social ao ser capturado e convertido pelo consumo. A diferença como direito não desaparece, mas seu potencial crítico é embaralhado pela versão fortemente adaptativa que o consumo lhe confere. Assim, o consumo fortaleceu a tendência de guetização e o esvaziamento político do tema da diferença. Assistiu-se ao enfraquecimento e à eliminação dos pontos de interseção entre os diferentes, o que serviu para reduzir o espaço público; a diferença deixou de ser uma questão para ser discutida ao ser abrigada sob o direito de pensar, agir, professar, amar, alimentar, enfim, existir.

Em um contexto de fragilização do poder dos Estados Nacionais em produzirem identidades centradas e homogêneas, observamos que a diversidade passou a ser tratada sob três perspectivas: a da soma, na qual é possível adquirir novos valores, costumes e padrões estéticos sem abrir mão dos que já possui; a segunda, que se refere à impossibilidade de aderir a novos padrões culturais sem abrir mão dos já existentes; e a terceira, que é a da hibridação que não age nem pela simples soma e nem pela simples subtração, mas pela produção de pontos de interseção nos quais há a ressignificação cultural.

A hibridação é uma dinâmica que alarga e repolitiza o significado do multiculturalismo, que passa a ser tratado como interculturalismo. É sob essa designação que a integração de imigrantes e a gestão da diversidade têm sido tratadas em vários países e, em especial, em Portugal.

As políticas de integração dos imigrantes e de gestão da diversidade na Europa e em Portugal estão intimamente relacionadas ao grande número de imigrantes e, também, ao paradigma da interculturalidade, que, entre outros modelos, procura substituir a visão da assimilação, comum nas Américas até meados do século passado, por outra em que a diversidade não apenas respeita a diferença, como se abre à possibilidade de se aprender com os diferentes. Procurei dar evidência aos mecanismos institucionais por meio dos quais esses princípios têm sido efetivados em Portugal. Nesse sentido, não se pode entender a política de integração de imigrantes de gestão da diversidade no país sem considerar o lugar da União Europeia na definição das linhas mais gerais nesse âmbito, e a estruturação institucional por meio do ACIDI e os CLAI. Sem que isso signifique ausência de contradições e tensões, fica claro um esforço de articulação de programas, projetos e ações que se iniciam no âmbito do território europeu e, no caso de Portugal, finalizam nos municípios e suas freguesias.

A discussão sobre a diversidade empreendida no artigo buscou um contraponto mais concreto em publicações sobre imigração. Essas publicações são iniciativas dos CLAI dos municípios de Moura, Figueira de Castelo Rodrigo e Rio Maior e contaram com o financiamento e apoio do FEINPT e do ACIDI. As publicações foram realizadas a partir de histórias de vida de mulheres, homens, crianças e adolescentes imigrantes e procuram, cada uma a seu modo, enfatizar o fato de que Portugal faz parte de um mundo de fluxos migratórios e grande mobilidade humana. A presença de uma emigrante portuguesa em uma das publicações serve para lembrar que Portugal também é um país de emigrantes. Ainda em seu conjunto, as publicações investem no princípio de que o conhecimento, no caso das trajetórias dos imigrantes, é um meio de combate à intolerância, ao preconceito e ao xenofobismo.

As publicações não apresentam fórmulas e nem tentam definir conceitualmente o que é a diversidade ou o diálogo intercultural. Por outro lado, procuram demonstrar por meio das narrativas dos entrevistados e dos comentários dos organizadores um tipo de situação e de imigrante ideal e como os/as portugueses/as o acolhem. Por isso, entendo que as publicações caminham dentro das possibilidades conceituais e políticas de um multi/interculturalismo baseado na soma tal como foi exposto e explicado nesse artigo. Dentro dessa perspectiva, a imigração é defendida como um fenômeno positivo seja para os próprios imigrantes, seja para o cidadão/ã ou cidades portuguesas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- DIAS, Pedro et al. *Relatório de imigração, fronteiras e asilo – 2012*. Oeiras, Portugal: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, 2013.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* 7. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FRAGA, M. V., BÓGUS, L.M.M.. A política de imigração de Quebec e a atração de trabalhadores qualificados. In: *VIII Congresso Português de Sociologia: 40 anos de democracia(s): progressos, contradições e prospetivas*, Évora. 2014.
- LORENA, Sofia. Suíços viram as costas à livre circulação e à Europa. *Público*, Lisboa. Disponível em < <http://www.publico.pt/mundo/noticia/projeccao-dao-empate-no-voto-sobre-limites-a-imigracao-na-suica-1623009>>. Acesso: 06/09/2014.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Trends in International Migrant Stock: The 2013 revision (United Nations database, POP/DB/MIG/Stock/Rev.2013). Disponível em: <<http://esa.un.org/unmigration/migrantstocks2013.htm?mtotals>>
- PECENI, Arthur Custódio. *Brasileiros no Québec: uma análise etnográfica da aplicação de políticas migratórias e políticas públicas voltadas para os imigrantes “trabalhadores qualificados”*, 2012. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense.
- POZZO, María Isabel. Pluralismo cultural y educación: el caso canadiense. *Educ. rev.* [online], 2012, vol. 28, n. 2. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982012000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000200012&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0102-4698. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982012000200012>.
- ROMERO, Carlos Giménez. Pluralismo, interculturalismo e interculturalidad. Propuesta de clarificación y apuntes educativos. Educación y futuro: *Revista de Investigación Aplicada y experiencias educativas*. n. 8, 4/2003, p. 9 -26.
- SAMPEDRO, Victor, LLERA, Mar [eds.] *Interculturalidad: interpretar, gestionar y comunicar*. 1 ed. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Lisboa: Almedina, 2013.